

## ESTERILIZAÇÃO TRADICIONAL YEPAMAHSÁ NO RIO DE LEITE

Dagoberto Lima Azevedo<sup>1</sup>

*"Toho na ukũke meheta niwũ a'tea  
Peêru sirĩ, murõ uhû, paâtu buaba'á  
Werã na ukũseti weke nikaro niwũ, nihá"*  
(Oficina de Paâtu. *Ma'mí*, Tarcísio Barreto, 2019)

Escrever sobre o conhecimento e o pensamento yepamahsã no *papera* (papel) é semelhante ao esforço de produzir *paâtu* pois este requer certos *ñanũruse* (cuidados), começando com o *o'tero* (plantio), o *suaro* (coleta) e o *da're ba'áro* (conjunto de processos de transformação do produto). O *paâtu* novo, que sai fresquinho do pulverizador, de cor verde e misturado com as cinzas da folha de embaúba, com cheiro suave, passa de mão em mão dos *paâtu ba'arã* (comedores de coca) para ser apreciado como o pó da memória. Com o tempo, este pó, em contato com saliva, vai se diluindo e desce macio na garganta, tornando aqueles que o consomem, preparados, atentos, concentrados, dispostos a ouvirem as *bukurã ukũse* (falas dos velhos). Além disso, também estão prontos para interagir e socializarem entre si. Através desta metáfora, quero lembrar que cada nova escuta que tenho dos *bukurã* (velhos), tento registrar no *papera* (papel), o que me desafia a explicar as explicações dos velhos, buscando alguma coerência, na maioria das vezes, rememorando ou detectando desvios de fuga que é o desafio da reflexão de qualquer temática. É certo que tudo isso dá ao trabalho um caráter provisório, mas espero que mesmo assim seja uma contribuição válida para explicar um pouco o que ouço e entendo a partir do que me dizem os conhecedores da minha região.

A minha pesquisa de doutorado é voltada à temática do *paâtu*, um produto elaborado a partir da planta *ipadu* (coca). Entre final de março e no início de abril de 2019 coordenei uma oficina de *paâtu* com apoio logístico do Instituto Socioambiental-ISA, na comunidade Serra do Mucura, no médio Rio Tiquié, Terra Indígena Alto Rio Negro. Para minha surpresa, no segundo dia da oficina, os *kumũa* presentes já haviam conversados entre eles de fazer uma noite de *bahsenização* do *a'tipaâti* (mundo/universo), *di'ta nuhkurirẽ* (*terra-florestas*), *waimahsarẽ* (humanos invisíveis) e das *mahsarẽ* (pessoas). Nessa nota pretendo compartilhar uma das formas de "esterilização" que vivenciei desde a minha infância, e que depois de alguns anos longe de minha comunidade, pude retornar como estudante de antropologia.

---

<sup>1</sup> Indígena Tukano, estudante de doutorado no PPGAS-UFAM sob orientação do professor Dr. Gilton Mendes dos Santos e co-orientação dos especialistas tukano. Bolsista da CAPES. Pesquisador membro do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena-NEAI. E-mail: limaazevedo@gmail.com

Para a realização deste ritual de *bahsese* foi preciso buscar folhas de *paâtu* e entrar em ação em todo o seu processo. Este tem sua logística que envolve, num primeiro passo, a colheita das folhas da planta de *paâtu* na roça. Esta deve ser, preferencialmente, da variedade *kârê paâtu* ("coca de abiu"), que rende bastante durante o preparo e que tem um sabor e cheiro idêntico ao do fruto de abiu. É preciso, para a coleta, ter paciência para ficar de cócoras ou pé no *paâtuka* (plantio de coca) e exposto ao sol. Depois, ter habilidade para tostar, pilar e misturar as folhas com as cinzas das folhas de embaúba. Enfim, é necessário, para este trabalho, ter uma sensibilidade apurada para obter a fineza do produto, acompanhado de sua cor, seu sabor e seu cheiro. A pessoa com essas qualidades ganha o prestígio no círculo noturno e nos grandes rituais de *paâtu*. Tudo isso implica a disciplinar-se na concentração para este serviço. Se não tiver essas qualidades a pessoa está desconexa ou desconcentrada, e precisa se reorientar, disciplinar-se no pensamento, focar e pensar que este servirá para o bem, para a socialização e interação dos *paâtu ba'â naĩñora* (participantes do círculo noturno de *paâtu*).

Naquela ocasião na oficina, os *kumûa* pediram ao líder da comunidade que providenciasse pimenta, sal, tabaco e breu, veículos fundamentais de esterilização. Em alguns contextos, atualmente, já são introduzidos cosméticos e álcool gel, que, mesmo assim, antes de serem usados, devem ser submetidos à ação do *bahsero* do *kumû*. Ao término de todo o processo de *paâtu* houve banho no rio e comida à base de quinhapira, peixe apimentado. Depois disso, o líder da comunidade, junto com o *kumû* anunciaram a noite de *bahsenização*. Nessa circunstância, já no círculo noturno de *paâtu*, iniciou-se o *murõpu usetise* (arte de diálogos). Antes disso, porém, fumou-se tabaco, comeu-se *paâtu* e em todos os intervalos se intercalaram com esses elementos. Primeiro, fumaram e comeram a dupla de *kumûa*, depois seguiram-se os participantes. Quando esses elementos retornam às mãos dos *kumûa* começa-se o *murõ bahsero* (agenciamento de tabaco) e *o'pe bahsero* (agenciamento de breu) com seguinte enunciado: *to ukû duhí tuoña we duhí buruoya, a'to murõ bahse o'pe bahse wenirâtirãwe* ("A partir desse momento estaremos entrando em ação de agenciamentos do breu e do tabaco. Enquanto isso, sintam-se a vontade para falar e compartilhem entre vocês as questões pertinentes").

Os *kumûa* explicaram-me que começaram o ritual com o agenciamento do breu e do tabaco, em seguida, a comunicação/interação de dádivas com os *waimahsã*, e no final aos *mahsãre*. Para avançar ação de agenciamento nas particularidades, precisa-se arrumar, ordenar o plano cosmogônico, plano da terra-florestas e as casas dos *waimahsa*, depois entra-se nas particularidades. Através do pensamento, o *kumû* visita esses planos.

No final de cada agenciamento efetivado se faz intervalos fumando tabaco e comendo paâtu. Além disso, rola conversas informais. Antes de prosseguir para outra etapa de agenciamento, os *kumûa* convidaram-me, junto com outros participantes, para o *usetise* (discurso) e mostrar o *yuhu bahsero* (agenciamento musicalizado) efetivado naquela etapa. Esse ritual de agenciamento do breu e do tabaco encerrou-se por volta da meia noite, com *usetise* acompanhado de *yuhu bahsero*, pelo líder da comunidade.

Nesse ato de entrega dos veículos de esterilização dos *bukûra* (virus, bactérias), os *kumûa* informam os tipos de doença ou enfermidades que estarão, possivelmente, afetando as pessoas. Apresentam o plano de contingência e ações de contenções. No dia seguinte, depois da quinhampira coletiva da manhã, todos os membros da comunidade são informados sobre os cuidados, as restrições, observações, orientações e explicações dados pelos *kumûa*. Após isso, são convidados a se defumarem sob a fumaça do tabaco e do breu e lamberem pimenta com sal. Essa experiência me ajudou a refletir sobre minhas origens. No entanto, estou no contexto urbano, morando na cidade, longe da comunidade, e há necessidade de conjugar a esterilização *yepamahsà* com as orientações das autoridades sanitárias dos não indígenas. Assim, estou em quarentena na metrópole do Amazonas, na cidade de Manaus. Reforça-me cotidianamente a compreensão de como eu me constituo e circulo a partir do *bahsenização yepamahsa* conjugando as orientações das autoridades sanitárias na cidade.

Importante notar, por fim, que o agenciamento do *kumû* começa no macro antes de chegar nas particularidades das categorias humanas. Este envolve o *umukoho a'poro* (ordenamento da plataforma cosmogônica), *waimahsaye wi'iseri a'poro* (ordenamento das casas dos humanos invisíveis) e o *dí'ta a'poro* (ordenamento da terra-floresta). Todavia, o atual contexto lança-nos a refletir sobre como conter e lançar plano de contingência baseando nos conhecimentos dos *Pamurimahsã* (Gente de Transformação). Creio que esta onda de pandemia fará repensar (assim esperamos) a importância do trabalho conjunto entre os conhecimentos do não-indígena e dos povos indígenas. Pensar ou formatar um Plano de Atenção de Saúde Intercultural. Como articular o sistema de saúde indígena com o sistema do Estado? Há enfermidades/doenças que são passíveis de serem curadas com os conhecimentos dos povos indígenas, mas outras não, assim como os conhecimentos do não-indígena servem para curar umas e outras não.